



Falocentrismo e masculinidade tóxica nos tempos atuais

Sergio Lewkowicz

Gostaria de agradecer aos organizadores e à COWAP pela oportunidade de participar dessa mesa tão atual e com queridas colegas.

Penso que os cenários masculinos e femininos na cultura ocidental estão profundamente alicerçados em uma estrutura muito antiga, com vários séculos de duração, o patriarcado tema que tem me interessado estudar nos últimos anos.

Ao mesmo tempo em que vem ocorrendo o declínio do patriarcado através de nossa história recente tanto na sociedade, como na família e, até mesmo no setting analítico, sua persistência chama atenção. Inclusive parece estar havendo um reforço dessa estrutura nos tempos atuais, como pode se ver nas características dos políticos que estão sendo eleitos no Brasil e no resto do mundo. O que é muito preocupante, pois isso está implicando em um aumento da violência contra a mulher e contra os mais vulneráveis.

Essa estrutura patriarcal divide os seres humanos em duas categorias: masculino e feminino, privilegiando o masculino e criando um binarismo que não admite outras variações. Além disso, cria uma categoria superior de homem em relação aos outros homens, os brancos, mas sempre colocando todos os homens como superiores às mulheres. Estamos imersos assim em uma cultura falocêntrica.

Esse sistema é constituído por uma complexidade de fenômenos sociais, econômicos, políticos e psicológicos entre outros. Vou procurar me deter nos aspectos psicológicos, especialmente nos papéis inconscientes atribuídos a cada gênero.

O patriarcado inclui uma série de leis e códigos predominantemente inconscientes, levando a regras de como os homens e as mulheres devem se comportar e que parece natural para todos.

Esses códigos são transmitidos de geração para geração através de uma complexa trama dos laços sociais, envolvendo a cultura, o social e a família através de vários fenômenos conhecidos nas teorizações psicanalíticas como a constituição do superego como Freud pensava, as mensagens enigmáticas de Laplanche, a transmissão transgeracional, etc. e, possivelmente por fatores ainda desconhecidos por nós.

A partir da década de 1980 surgiram vários estudos nos Estados Unidos, principalmente nos departamentos de psicologia das Universidades americanas procurando identificar esses códigos de comportamento. Inicialmente



acompanhando o funcionamento dos meninos e só mais tarde observando também as meninas.

Estudos esses que embora se refiram à cultura americana parecem mostrar aspectos em comum com a nossa realidade no Brasil.

Vou me deter apenas nas principais conclusões: até cerca de 4 anos de idade o desenvolvimento dos meninos e meninas é muito semelhante, com uma grande empatia entre eles.

Entre os 4 e os 7 anos de idade os meninos começam a perder a empatia em relação aos outros, a pensar mais individualmente, a bloquear as emoções (homem não chora) emoções que ficam encouraçadas, e buscar uma virilidade para poderem ser aceitos pelos outros meninos e, a evitar sua necessidade pelos outros.

Já as meninas entre 7 e 17 anos, especialmente entre 12 e 17 anos são estimuladas a desenvolver o cuidado, podem expressar suas emoções que são consideradas femininas, mas devem ser discretas e quietas.

Assim, o pensamento e a razão dissociados das emoções são reservados aos homens e as emoções são reservadas para as mulheres.

O exagero nessa virilidade e o bloqueio dos sentimentos afetivos levam os meninos a uma masculinidade tóxica.

Masculinidade Tóxica

Esse termo passou a ser utilizado com mais frequência a partir de 2018, tanto que o dicionário Oxford cogitou em colocá-lo como a “expressão” do ano, mas acabou desistindo e elegendo somente a palavra: tóxico.

Penso que a masculinidade tóxica é muito próxima do que entendemos por “machismo”, mas esse último é um termo saturado, desgastado e frequentemente atribuído aos “latinos”, assim me parece mais adequado utilizar a expressão masculinidade tóxica quando nos referimos a uma masculinidade estereotipada, marcada por violência, exagero na sexualidade, status e poder que se manifestam através de violações de mulheres e crianças, homofobia, transfobia, misoginia e racismo.

O exagero da masculinidade pode ser visto como garantia de uma identidade masculina forte, binária e uma defesa contra a ansiedade de castração (Tylim, 2019). Além disso, funciona como uma solução perversa para as ambiguidades e a fluidez características da diferença entre os sexos e da bissexualidade humana.

Como salientado por Tylim (2019) a cultura heteronormativa reforça as dicotomias macho/fêmea; ativo/passivo; mestre/escravo encontrando



explicações pseudocientíficas, tais como: isso é parte da natureza física dos homens, a reprodução é fundamental para a perpetuação da espécie, etc. levando a um reforço da heterossexualidade.

Zavitzianos, citado por Tylin (2019) cunhou o termo homeovestismo em que a pessoa se veste com roupas marcantes de seu próprio sexo como reforço para sua identidade sexual.

Essa maneira de funcionar parece ser reforçada por nossa cultura patriarcal e resulta em um comportamento masculino tóxico de dominação, colonização, objetificação e opressão das mulheres. As redes sociais contemporâneas muitas vezes aumentam essa toxicidade

Em oposição a esses encontramos, por exemplo, o “homem vagina” descrito por Limentani (1993), o homem heterossexual que tolera se relacionar com mulheres fortes e o “vaginal masculino” relatado por Hansbury (2017) que seria a fantasia de possuir uma vagina que é frequente nos homens queer.

Os homens que conseguem reconhecer sua feminilidade e aceitam sua masculinidade com toda a sua complexidade e fluidez são considerados homens de segunda classe, fracos e dominados pelas mulheres nessa cultura da masculinidade tóxica. Na verdade são homens responsáveis que tem a sua bissexualidade mais equilibrada e que lidam bem com seus aspectos femininos.

O aumento do suicídio entre os meninos e homens parece também estar relacionado com uma sensação de fracasso por não conseguirem ser um “homem de verdade” com toda a virilidade e força da masculinidade toxica.

Outro aspecto relacionado com a masculinidade tóxica é o silenciamento das mulheres.

A história das mulheres é uma história de silenciamento, mulheres que não se calavam eram consideradas tomadas pelo diabo e queimadas.

As vozes femininas que ousam se manifestar são consideradas histéricas, perturbadas, estúpidas e assim por diante.

Até o Século XIX as mulheres não podiam falar em público, não podiam votar e em alguns locais perdiam o direito ao seu patrimônio quando casavam.

Um exemplo recente que quero trazer para mostrar como isso se mantém é o que têm se chamado de zoombombing que é a invasão de eventos virtuais para interrompe-los com xingamentos ou pornografia.

Um tipo deste zoombombing que tem se tornado frequente é o ataque a reuniões de mulheres, particularmente com expressão política. A estratégia é justamente o silenciamento das mulheres. Em um grande evento latino-americano La política es cosa de mujer, houve uma grande invasão, na qual os



homens ficaram com os microfones abertos gritando e não deixando as mulheres falarem, esse silenciamento está sendo chamado de violência política de gênero.

O silêncio das mulheres é muito forte, tanto que ainda são raros os casos de denúncia de assédio e de violação e, somente através dos coletivos de mulheres como o me too e o mexeu com uma mexeu com todas que as denúncias aumentaram e as punições também. Nos EUA dos 125.000 casos de violação registrados, em 98 % dos casos o agressor não foi punido. Os policiais não acreditam nas mulheres e não prosseguem com as investigações. Temos que lembrar que a polícia e o exército são instituições patriarcais com uma grande maioria masculina e que se utilizam de uma violência legitimada.

Quero destacar, entretanto, um tipo de silenciamento nos cenários femininos, o silenciamento da sexualidade feminina, particularmente o silenciamento do clitóris.

O clitóris parece ser o único órgão do corpo humano destinado exclusivamente ao prazer. Ele conta com cerca de 8.000 terminações nervosas, o dobro das terminações nervosas que são encontradas na glândula do pênis. Ele é um órgão grande de cerca de 10 cm, constituído por uma cabeça, um corpo e quatro ancoragens que se aprofundam pela pélvis.

Em relação à psicanálise, Freud conseguiu escutar a sexualidade das mulheres através de suas pacientes histéricas, mas ao mesmo tempo silenciou o clitóris considerando o prazer do clitóris como sexualidade feminina imatura, sendo o orgasmo vaginal o mais maduro. Melanie Klein por sua vez já considerou a especificidade do desenvolvimento da menina, atribuindo uma especificidade à vagina como um órgão próprio e não como uma falta de pênis. No entanto, a desvalorização do clitóris se manteve por várias décadas até os estudos de Masters e Johnson, entre outros, que mostraram como o clitóris estava envolvido no orgasmo feminino. O famoso ponto G das mulheres nada mais é do que o tecido do clitóris que se estende para o interior da vagina.

Nota-se claramente como a nossa cultura ainda está impregnada pelo patriarcado e pela dominação masculina. Embora exista uma tendência da psicanálise e da cultura atuais para uma abertura em relação à diversidade sexual, ainda é muito forte a tentativa de patologização das apresentações da sexualidade que escapam ao binarismo e à heteronormatividade por parte de muitos analistas, justificando-se nas teorias sexuais freudianas.

Além disso, uma boa parte do mundo contemporâneo parece estar regredindo e buscando o reforço do patriarcado e da opressão às mulheres e à população LGBT+. As próprias democracias estão ameaçadas.



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANÁLISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



Nesse sentido é muito importante que como psicanalistas possamos nos questionar em relação a esse fenômeno, tanto em nossas teorias psicanalíticas, como na comunidade.

Gostaria de concluir com a canção de um compositor brasileiro, Gilberto Gil, que com poucas palavras toca na complexidade e fluidez da masculinidade:

Super-homem

Um dia

*Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesses ter*

Que nada

*Minha porção mulher, que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É que me faz viver*

Quem dera

*Pudesse todo homem compreender, oh, mãe, quem dera
Ser o verão o apogeu da primavera
E só por ela ser*

Quem sabe

*O Superhomem venha nos restituir a glória
Mudando como um deus o curso da história
Por causa da mulher*